

Inconsequência

5. IV. 53 RAUL PILLA

LEIO num dos matutinos cariocas que mais combatem a reforma parlamentarista, edição de sexta-feira da Paixão:

«Em sentido mais amplo, o tempo é bom conselheiro e resolve todos os problemas. Até a questão de um governo nefasto se soluciona, na forma da nossa Constituição, dentro do prazo de cinco anos. Mas, em face da conjuntura, quando as dificuldades amarguram a vida do povo, há assuntos que não comportam delongas. Nesse caso, adiar significa complicar e agravar». E exemplifica o articulista com vários problemas, que, enfrentados logo, não apresentariam agora aspectos calamitosos.

Dai se deveria logicamente concluir não ser regime que valha aquêle que, para uma situação calamitosa, só oferece como remédio esperar pacientemente, três, quatro, cinco anos, que o governo cumpra a sua obra nefasta. Diante, porém, da conclusão inevitável, recuam os presidencialistas, porque maior amor têm êles ao regime, que ao País.

Na mesma edição do aludido jornal, o seu brilhante cronista parlamentar nenhuma importância atribuiu a tantas vezes anunciada reforma ministerial, porque «são os métodos e concepções dêste governo que precisam mudar» e «isto só seria possível se a mudança viesse a operar-se no próprio sr. Getúlio Vargas — hipótese de todo improvável, para não dizer impossível... Nada se modificará com a substituição de um ministro por outro, pois que tudo decorre de um sistema em que o ministro vale muito pouco, se é que vale alguma coisa... Só uma completa inconsciência levaria um homem público à aventura de mau gosto, sem êxito possível, da qual só desprestígio lhe poderia advir».

Ainda aqui, a mesma inconsequência. A situação é essa, que aí fica debuxada a vigorosos traços, e nenhuma solução lhe oferece o regime, senão deixar que o governo e, com êle o País, se cozinhem no mesmo caldo. Mas no regime não se deve tocar...